

São poucas as pessoas que condensam, entre nós, a experiência do mundo que motivou, faz agora vinte anos, a nossa Faculdade de Economia a criar uma área de conhecimento em Relações Internacionais na Universidade de Coimbra. António Guterres é uma dessas pessoas raras. Em 1994, pela mão de Boaventura de Sousa Santos e com uma equipa de trabalho que juntava também Luís Moita e João Gomes Cravinho, tive o privilégio de estar entre os que ousaram pensar um ensino das Relações Internacionais que disputasse a hegemonia a uma agenda fechadamente eurocêntrica e a uma metodologia conservadora. Guiou-nos a ambição de trazer as diferentes periferias para o centro do ensino e da investigação, a ousadia de preferir a incerteza de um debate epistemológico e metodológico vivo à certeza de todas as ortodoxias instaladas e a vontade de abrir a universidade à militância transformadora e solidária. Esse caminho, iniciado com esta ousadia faz agora vinte anos, quis, mais que tudo, conceber como campo de estudo uma experiência do mundo que fosse do mundo todo e não da parte pelo todo, que desse voz não só a Estados e aos seus diplomatas, a estrategas e a acionistas de multinacionais mas também, e sobretudo, aos condenados da terra, à gente comum, às mulheres e não só aos homens, aos ativismos por um mundo maior em todas as justiças – a económica, claro, mas também a

cognitiva, a ambiental, a intra e a intergeracional ou a de género. Com êxitos e com insuficiências, fizemos um caminho ainda curto, só de vinte anos. É aqui estamos hoje a reiterar que há uma experiência do mundo, mais rica, mais exigente e mais atenta que a que tradicionalmente conta para a disciplina de Relações Internacionais que tem que ter lugar na universidade.

Em António Guterres encontramos um rosto dessa experiência. É por isso que este é um dia grande para a nossa Universidade. O seu desempenho como Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados pô-lo no centro da realidade complexa do sistema internacional contemporâneo e a coragem cívica e a lucidez política com que exerceu essas responsabilidades tornaram-no protagonista dessa realidade da mais elevada maneira. O mundo que se vê do ACNUR é feito não de triunfadores mas de vítimas, não de dinâmicas ascendentes de poder mas de um poder que corrompe e ignora o serviço às pessoas, não de Estados protetores mas de Estados agressores ou negligentes. É, como tanto tem salientado António Guterres, nesse mundo que se vê do ACNUR, a Europa não é uma exceção mas sim um ator cada vez mais implicado na condenação de massas humanas inteiras à fuga sem fim e no abandono dessas tantas pessoas à sua sorte pois que a mesma Europa lhes nega proteção, entretida que está na sua própria

desconstrução. Triste sina a da Europa que aceita que se erga no mar de tantas trocas culturais, o Mediterrâneo, um novo muro da vergonha.

António Guterres soube situar-se nesta desordem mundial como paladino raro do serviço à humanidade desapossada de tudo. Nos cenários de guerra e de destruição física e humana, António Guterres colocou palavras de alerta para a obrigação de atender às multidões de espezinhados e convocou invariavelmente os responsáveis políticos a isso mesmo que tanta alergia lhes causa: responsabilidade política. E quando talvez lhe fosse conveniente – ou, pelo menos, mais fácil – calar a indignação diante de uma Europa rendida à cobardia dos muros e desmemoriada dos males fundos da vertigem xenófoba, o europeísta António Guterres não reprimiu a crítica frontal mostrando que, neste campo como em outros, a crítica à pior Europa é expressão indispensável e inequívoca de compromisso com a melhor Europa.

Faz falta, faz cada vez mais falta, quem interprete na prática dos contextos mais difíceis o significado que Gandhi deu à política: “um gesto amoroso para com o povo”. António Guterres não se deixou prender às amarras da institucionalidade internacional e da sua política de cinismos e salamaleques e soube ter esse gesto amoroso em palavras e em atos. Enriqueceu-nos com isso. E hoje a Universidade enriquece-se ao reconhecê-lo como um dos seus, como um dos nossos.

Os méritos que fundamentam a justiça do acolhimento de António Guterres no claustro doutoral da Universidade de Coimbra foram eloquentemente enunciados pelo meu colega José Reis. É sua apresentante Maria Teresa Tito de Moraes Mendes. E bem se poderia dizer, com pleno cabimento, que ninguém melhor que Teresa Tito de Moraes para ser, perante nós, garante de que a Universidade de Coimbra tem um gesto certo ao conferir as insígnias doutorais a António Guterres. Na verdade, a proteção internacional de todas as pessoas perseguidas é a marca de água da vida de Teresa Tito de Moraes.

Desde logo, porque ela própria teve que buscar para si essa proteção internacional quando já depois da experiência da prisão por ideais políticos em 1965, fugiu à ditadura do Estado Novo e pediu e encontrou refúgio durante nove anos na Suíça. Militante antifascista desde a juventude, presidente da Pró-Associação dos Estudantes Liceais em 1961-62, Teresa Tito de Moraes experimentou, por causa da sua luta pela liberdade, a perseguição política, e pôde perceber – não pelo conhecimento académico mas por um penoso quotidiano de privação de direitos, de medo e de limitação arbitrária das liberdades – a valia única e inestimável dos mecanismos jurídicos de proteção internacional: o estatuto de refugiada, a concessão de asilo ou a proteção subsidiária. E,

mais do que a lei, Teresa Tito de Moraes pôde testar na sua vida a importância da prática social tanto dos síns solidários como dos não cínicos a um pedido de refúgio contra a ameaça do poder bruto.

O sím que lhe foi dado por uma Europa então amiga das pessoas em fuga da barbárie qui-lo Teresa Tito de Moraes honrar com uma dedicação plena à causa das vítimas de perseguição de todo o mundo, depois de o 25 de abril ter posto fim, em Portugal, ao que a motivara a buscar proteção nessa Europa inexoravelmente distante da que está hoje aí. A entrega absoluta à causa dos refugiados – não por qualquer interesse próprio mas unicamente por serviço a quem, em situações de vulnerabilidade humana extrema, tem a vida e a liberdade dependentes da proteção internacional – essa é a lição notável da vida de Teresa Tito de Moraes e que aqui hoje a Universidade de Coimbra integra no seu património de lições para as gerações presentes e vindouras. Adjunta do representante em Portugal do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e assessora para as relações internacionais e a informação pública do escritório do ACNUR em Lisboa, entre 1977 e 1991, Teresa Tito de Moraes teve o discernimento – que só as lutadoras pelos outros têm – de fundar o Conselho Português para os Refugiados em 1991, respondendo afirmativamente ao desafio que lhe fora feito nesse sentido pelas Nações Unidas quando essa não era uma causa

merecedora de atenção pública prioritária entre nós. Se hoje é fácil à nossa opinião pública mais informada assumir que o Conselho Português para os Refugiados tem sido um pilar firme de afirmação dos direitos humanos no nosso país, deve reconhecer-se que só a lucidez associada ao compromisso militante de Teresa Tito de Moraes permitiu romper com a opacidade em que a situação dos refugiados e requerentes de asilo e de proteção subsidiária esteve envolta em Portugal até há tão poucos meses. O consenso discursivo que hoje se regista no nosso país sobre o dever de nos disponibilizarmos a acolher gente em fuga é preocupantemente enganador. Basta constatar como ele convive tão bem com um senso comum que faz da distinção entre refugiados e imigrantes um suporte para naturalizar o fechamento a quem nos procura não por medo mas por pobreza. E mais: esse consenso de agora esconde mal que há tão pouco tempo a ação de Teresa Tito de Moraes e da equipa do CPR à frente de dois centros de acolhimento de refugiados e requerentes de asilo tenha sido tida como estranha, desnecessária ou mesmo vulnerabilizadora da segurança nacional. Foi, pois, sábia a nossa universidade ao associar Teresa Tito de Moraes a este momento em que as honras doutorais atribuídas a António Guterres são, em alguma medida referenciadas ao combate de cada homem, de cada mulher e de cada criança que foge à guerra, à perseguição política ou religiosa, às

discriminações ou à miséria pela sua dignidade e pelos direitos irrecusáveis a quem é gente.

Diga-se, em abono da verdade, que a nossa Universidade – e, especificamente a Faculdade de Economia – não esperou por este dia bom para ter a clarividência de associar a si esta mulher de vida cheia e de serena valentia. Teresa Tito de Moraes é desde 2013 membro do Conselho Geral da Universidade de Coimbra. Mas a sua pertença à universidade de Coimbra vem de mais longe. Precisamente quando celebramos os vinte anos da criação da área de conhecimento em Relações Internacionais na Faculdade de Economia, deve lembrar-se que, a dar expressão maior aos propósitos transformadores de que essa criação veio carregada, o Conselho Português para os Refugiados foi, durante mais de meia década, responsável pela oferta da unidade curricular de Asilo e Refugiados no Sistema Internacional Contemporâneo na nossa licenciatura em Relações Internacionais. Sim, não me enganei, foi mesmo uma organização não governamental que foi professora da Universidade de Coimbra. Simplesmente porque era essa organização que, enquanto tal, tinha o conhecimento e a experiência com que queríamos enriquecer os nossos estudantes, inquietando-os. Teresa Tito de Moraes coordenou essa colaboração, como tinha que ser. E assim nos ajudou a cumprir a pretensão com que nos lançámos na aventura

de ensinar e estudar Relações Internacionais sem querermos menos do que abarcar aí a riqueza toda de toda a experiência do mundo.

Magnífico Reitor

Estão perante vós António Guterres e a sua apresentante Maria Teresa Tito de Morais Mendes. Se António Guterres engrandeceu as relações internacionais marcando a agenda do mundo com a escolha do campo das vítimas da perseguição como prioridade, Teresa Tito de Morais engrandeceu a nossa humanidade escolhendo o campo do acolhimento, da proteção e do diálogo intercultural contra a xenofobia, o racismo e a indignidade. Acolha também a universidade, hoje, António Guterres no seu claustro e sejam-lhe concedidas as insígnias doutorais. É isso que a Universidade vos pede, Magnífico Reitor, ciente de que assim indiscutivelmente se honrará.